

A GREVE DOS ESTUDANTES DE 56 E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Victor Andrade de Melo¹

RESUMO

Há algum tempo venho refletindo sobre a necessidade de recuperarmos fatos de nossa história, não só a partir do levantamento de datas e nomes, como também a partir da busca de novas interpretações, a análise segundo novos contextos, a recusa da consideração exclusiva do determinante sócio-econômico e a percepção interna do fenômeno. Um dos acontecimentos mais interessantes de nossa história recente foi a greve realizada pelos estudantes da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) em 1956. Creio que a análise desse movimento pode nos trazer novos elementos e indicativos que contribuam no redimensionar e repensar das estruturas da Educação Física da época. Assim, nesse estudo pretendo resgatar esse importante fato de nossa história, pretendendo analisar tal fato dando preferência a considerações ligadas ao contexto da ENEFD, já que acredito que essas foram primordiais e melhor explicitam os possíveis significados dessa greve para o movimento estudantil em Educação Física, para a profissão e para a própria ENEFD. Por fim, concluo que a greve além de ser marcante na organização dos movimentos de estudantes na ENEFD, teve forte significado como forma de afirmação do profissional de Educação Física.

UNITERMOS: História da Educação Física; Identidade Profissional

Há algum tempo venho procurando refletir sobre a necessidade de recuperarmos acontecimentos de nossa história², muitos esquecidos e desprezados, reinterpretando seus significados e funções a partir dos mais diversos ângulos e contextos, de forma a ampliar nossa compreensão historiográfica. Isso é, creio ser mister não só sua recuperação pura, o levantamento puro de datas e nomes, como também a busca de novas interpretações, a análise segundo novos contextos, a recusa da consideração exclusiva do determinante sócio-econômico e a percepção interna do fenômeno. Além disso, a divulgação para o grande público de nossa área, já que acredito ser a cronologia uma referência fundamental

¹. Mestrado em Educação Física - Universidade Estadual de Campinas

². Maiores informações sobre essas reflexões podem ser obtidas em MELO, V.A. História da História da Educação Física no Brasil - perspectivas e propostas para a década de 90. História da História da Educação Física no Brasil. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, volume 16, número 2, jan./1995'.

no estudo de nossa história, não passível de ser abandonada em hipótese alguma.

Um dos acontecimentos mais interessantes de nossa história recente foi a greve realizada pelos estudantes da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) em 1956. Sempre me chamou a atenção tal fato, mas até o momento só o conhecíamos pelas declarações dos profs. Alberto Latorre de Faria e Vinícius Ruas constantes no estudo de Lino Castellani Filho (1988). Ainda assim, nesse estudo, nenhuma análise é procedida pelo autor, ficando-nos apenas as considerações dos referidos professores.

Que terá significado uma greve de estudantes de Educação Física em meados da década de 50? Que relações teria com o momento pelo qual passava a Educação Física no país? Será que seus significados somente referem-se a uma 'simples reivindicação' de estudantes ou tem significados 'maiores' e pode contribuir nos possibilitando uma síntese mais rica de múltiplas compreensões históricas? Creio que a consideração desse fato, que inclusive foge dos padrões tradicionais de consideração histórica por se referir a uma organização e realização de estudantes, indivíduos que na história da Educação Física no Brasil raramente foram abordados, pode nos trazer novos elementos e indicativos que contribuam no redimensionar e repensar das estruturas da Educação Física da época.

Nesse estudo pretendo resgatar e analisar esse importante fato de nossa história a partir: do debate de idéias entre os depoimentos dos professores presentes no estudo de Castellani Filho (1988); uma nova contribuição do prof. Alberto Latorre de Faria³; considerações perceptíveis, acerca da greve e do contexto da ENEFD por ocasião dessa, nos 'Arquivos da ENEFD'⁴; a entrevista do prof. Paulo Matta, um dos líderes da greve que até o momento não teve sua opinião coletada e difundida, a mim concedida por ocasião da realização de minha dissertação de mestrado⁵; e o depoimento do sr. José

³. Essa contribuição foi por mim obtida quando da realização da memória de licenciatura 'MELO, V.A. Alberto Latorre de Faria e a Educação Física brasileira - uma biografia autorizada (mem. Licenc.)'. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

⁴. Os 'Arquivos da ENEFD' foram o órgão de divulgação oficial dessa Escola, publicado entre os anos de 1945 e 1961.

⁵. 'Escola Nacional de Educação Física e Desportos - uma possível história' está sendo preparada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas

Ignácio Alves de Souza, funcionário da ENEFD na ocasião, coletado com o mesmo objetivo anterior. Pretendo analisar tal fato dando preferência a considerações ligadas ao contexto da Escola Nacional, na medida que acredito que essas foram primordiais e melhor explicitam o possível significado dessa greve para o movimento estudantil em Educação Física, para a profissão de professor de Educação Física e para a própria Escola Nacional. Isto é, creio que análises feitas exclusivamente a partir do momento sócio-político brasileiro em geral podem mascarar verdadeiros significados dessa greve, só possíveis de serem compreendidos dentro da dinâmica interna que os ocasionaram.

A greve de 1956 parece ter certa relação com os movimentos de poder e as modificações estruturais da ENEFD na década de 50. A ENEFD sofreu um forte mudança no seu eixo de poder com a saída paulatina dos militares, inclusive dos órgãos de direção⁶, e a ascensão dos médicos. Com os médicos na direção e comando dos caminhos, a ENEFD muda completamente sua estrutura. Torna-se mais preocupada com sua função social, com o embasamento científico e com a qualidade de sua formação, do que com os desfiles cívicos e preocupações militarizadas de 'civismo e amor a pátria'. Isso não quer dizer que tenha assumido posturas filosóficas completamente diferentes, mudanças somente perceptíveis no decorrer do tempo. Mas é a partir dos médicos que a ENEFD começa a oferecer ou copatrocinar cursos de especialização, seus professores começam a ir em maior afluxo para Congressos e eventos científicos, os 'Arquivos' se efetivam enquanto publicação, inúmeras pesquisas são realizadas, mudanças curriculares são efetivadas. A Escola ganha uma nova respeitabilidade, inclusive dentro da Universidade do Brasil⁷.

Uma das mudanças que mais diretamente afetou o corpo de alunos foi a exigência do diploma de segundo grau para entrada na Escola e uma seleção mais rigorosa de bolsistas vindos de outros estados⁸. Até então, embora a ENEFD estivesse dentro da Universidade do Brasil, seu curso era quase técnico, realizado em dois anos e com alunos ao nível de 2o grau, na maioria atletas e ex-atletas que muitas vezes faziam da Escola uma continuação de seu treinamento. Com a mudança, o curso passou a ser

⁶. Os três primeiros diretores da Escola, entre os anos de 1939 e 1946, foram militares do Exército: Inácio Freitas Rolim, Hermílio Ferreira, Roberto de Pessoa e Antônio Pereira Lira.

⁷. Obviamente aqui estou resumidamente analisando a ENEFD. Não foi exclusivamente obra dos médicos a mudança de enfoque e postura da ENEFD. Muitas dessas mudanças já vinham inclusive sendo preparadas pelos militares enquanto estavam na direção. Mas não se pode negar, enfim, o papel primordial dos médicos na ascensão da presença e influência da ENEFD no cenário da Educação Física. Sem dúvida, essa viveu grandes momentos enquanto médicos estavam na direção.

⁸. A ENEFD concedia anualmente bolsas de estudos para que estudantes de outros estados do Brasil pudessem fazer seu curso, retornando em seguida para atuar e organizar a Educação Física de sua região.

realizado em três anos, com alunos já possuidores do 2o grau e que passavam por um vestibular mais rigoroso. Em alguns anos foi necessário inclusive a realização de mais de um vestibular para preenchimento das vagas. Possivelmente isso tenha modificado profundamente a característica dos alunos, que passaram a chegar mais maduros e capazes teoricamente, muitos até oriundos de outras faculdades.

É importante perceber que embora o clima fosse relativamente amistoso, não havia igualdade no tratamento entre professores-médicos e professores com formação unicamente ligada a Educação Física⁹. O prof. Paulo Matta categoricamente afirmou-me isso:

"- Então existia isso mesmo ? Os professores de Educação Física sofriam preconceitos dos médicos?

- Existia. Existia sim.

- Tinham menos poder de palavra ?

- Não só menos poder de palavra, como a liberdade política de trânsito dentro da Universidade. Assim, apareciam mais verbas para as cadeiras dos médicos do que para as cadeiras dos professores. Apareciam viagens, congressos e a Universidade bancava para uns e para outros só arrumava passe. Havia. Isso sem dúvida havia "(comunicação pessoal, 1995).

Na verdade, até mesmo no depoimento do funcionário José Ignácio Alves de Souza (1995) é possível detectar uma certa rivalidade entre médicos e militares. Coloco tal constatação em destaque, pois o próprio depoente deixa claro que a participação política dos funcionários não era intensa (pelo menos a sua), o que não o impediu de ver fatos que o tenham conduzido a tal conclusão.

Assim, depois da direção do prof. Carlos Sanchez de Queiroz e prof. Waldemar Areno, ambos médicos, o prof. Alberto Latorre de Faria assumiu a direção por dois anos. Mas já em 1952, mesmo tendo sua administração sido considerada um sucesso por professores, alunos e funcionários, não consegue se reeleger para a direção, recebendo, na Congregação, somente os votos dos professores de Educação Física não médicos, que eram minoria absoluta. Elege-se para a direção mais um médico: o brilhante João Peregrino Júnior.

Mesmo tendo o hábito de economizar elogios não se pode dizer menos do que brilhantismo acerca de Peregrino Júnior e sua obra. Todos os professores entrevistados, todos que já vi a ele se reportarem não

⁹. No início da ENEFD os professores eram médicos, militares ou pessoas que possuíam unicamente alguma ligação com a Educação Física, ou seja, atletas, profissionais que realizaram algum dos cursos de emergência para formação etc. Mais tarde, entre os próprios formados pela ENEFD seriam escolhidos os professores dessa.

conseguem deixar de falar de seu prestígio e capacidade, refletido inclusive em alguns dos seus artigos nos 'Arquivos'. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1929 recebera seu primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, onde é aceito e eleito como imortal em 1945. Na ocasião já tinha publicado 6 livros e mais de 100 artigos, sendo 32 na área de biometria, biotipologia e Educação Física. Em 1939, quando foi para a ENEFD como um dos fundadores, era também professor da Faculdade Fluminense de Medicina, da Faculdade Nacional de Medicina, da Escola Técnica de Serviço Social e na Escola de árbitro da Federação Metropolitana de basquete, além de ser chefe do serviço de endocrinologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Foi exatamente esse homem de grande prestígio que iria assistir os estudantes entrarem em greve, não só na sua administração, como também contra ela. Foi exatamente contra esse homem de grande prestígio que os estudantes se bateram: somente voltariam as aulas se Peregrino Júnior deixasse a direção da Escola.

A movimentação dos estudantes não surgiu de uma hora para outra. Se deu em um contexto onde era possível perceber na própria ENEFD um maior número de posturas críticas entre os professores, que começavam a abandonar os fortes referenciais militares. Críticas ao método Francês não foram poucas, é possível perceber uma preocupação cada vez maior com os referenciais pedagógicos, o esporte ganha espaço e com eles os professores de Educação Física (em relação aos médicos) e até é possível perceber posturas políticas explícitas de alerta quanto as funções do professor para a sociedade brasileira sob uma ótica crítica, principalmente nas obras de Alberto Latorre de Faria e Inezil Penna Marinho.

O próprio Peregrino Júnior alertara para uma possível 'falta de disciplina dos alunos', em discurso que proferiu em homenagem a Carlos Sanchez de Queiroz na sua posse de cátedra publicado nos 'Arquivos' de número 6 (1953). É possível que tal 'alerta' tenha relação com os primeiros impulsos claros de uma mudança de postura dos estudantes.

No início de 1956, no editorial dos 'Arquivos' de número 9, Peregrino Júnior tentara prestar contas de algumas de suas realizações. No fim do ano, já com a greve em andamento torna a levantar, no mesmo espaço dos 'Arquivos' de número 10, suas realizações, dando ênfase às modificações materiais na ENEFD, uma das fortes críticas dos alunos, e às concessões que interessavam os estudantes. Afirma que criara uma seção de material pedagógico, a função de diretor de campo, reequipara a banda de música, criara disciplina de canto orfeônico, conseguira viagens e congressos para professores. Afirma também que reequipara o laboratório de fisioterapia, o gabinete de fisioterapia, o ginásio de aparelhos entre outras mudanças materiais. Para os alunos, especificamente, tinha concedido três aumentos de bolsas de estudo, ampliado e conseguido mais uma sala

para o Diretório Acadêmico e Associação Atlética, além de ter melhorado a merenda.

Esse seu editorial, um misto de apelo e cobrança, não foi suficiente para fazer os alunos voltarem às suas atividades. Os motivos para a greve parecem ter se ligado diretamente a falta de atenção do ocupado diretor para com a ENEFD e seu desleixo em relação a estrutura material, embora ele afirmasse o oposto, que vinha causando inúmeros problemas. Mas o estopim parece ter sido uma declaração sua afirmando que se envergonhava de ser diretor de um curso de Educação Física, pois esse não tinha *status* e nível para ser dirigido por ele.

Foi então realizada uma assembléia, com a presença da grande maioria dos alunos, que decidiu pela greve enquanto o prof. Peregrino Júnior não deixasse a direção da ENEFD. Foi escolhida uma comissão de greve composta entre outros por Vinícius Ruas, presidente do Diretório, Estela Alves, José Sobrinho, futuro presidente do Diretório, e Paulo Matta, presidente da Associação Atlética, escolhido como presidente da Comissão de greve. Prepararam então um manifesto que entre outras coisas deixava claro os motivos da greve:

"Certos estamos que a renúncia ou afastamento de tão 'ocupado' e embaraçado diretor, com o seu retorno à cátedra, que ocupa, traz-nos-á o estímulo e orgulho de alunos de uma Universidade democrática, livre, ativa, vibrante e sincera- obra que não pode ser prejudicada pela teimosa vaidade, obstinação de quem busca vantagens e prestígios em que manifestação qualquer pessoa de sensibilidade e auto-crítica evitaria." (In CASTELLANI FILHO, 1988, p.154).

A greve começou com o fechamento da ENEFD e a tentativa de contato com o Presidente da República, Juscelino Kubstichek. Depois de inúmeros contatos com o reitor, Pedro Calmon, e com o secretário da presidência, Josué Montuella, subchefe da Casa Civil, os estudantes somente conseguiram tal contato depois de levemente insinuar que iriam realizar uma passeata com o apoio da 'Tribuna da Imprensa', jornal dirigido por Carlos Lacerda, inimigo político ferrenho de Kubstichek. Aliás, a imprensa carioca publicou inúmeras informações do acontecido.

Os estudantes obtiveram o apoio dos diretórios da Universidade do Brasil, do Diretório Central de Estudantes e da União Nacional dos Estudantes. Embora a repercussão em outros estados e nas outras faculdades de Educação Física não pareça ter sido das maiores, inúmeras lideranças e entidades estudantis enviaram seu telegrama de apoio. Na verdade os relacionamentos entre as faculdades de Educação Física não eram muito intensos..

"Quanto à greve, eu acompanhei muito por cima...Além disso, o relacionamento das 2 faculdades, Universidades, através de seus corpos discentes, não era tão íntimo, porque se fosse suficientemente íntimo, talvez essa greve pudesse ter gerado uma greve geral pelo Brasil" (GONÇALVES apud CASTELLANI FILHO, 1988, p.184).

Recebidos por JK, veladamente os estudantes foram ameaçados e segundo Matta (95)..

"Estavam acontecendo exatamente nessa época dois episódios históricos que estavam prejudicando, colocando em perigo o governo dele. Era Aragarças e Jacareacanga, da Aeronáutica, que estavam se rebelando contra o poder civil e contra o governo de Juscelino. Então eu lembrei a ele esse fato, que ele já tinha Aragarças e Jacareacanga para resolver, que não seria bom ele ter os estudantes do Brasil inteiro levantados."

Embora não conseguissem desse encontro o compromisso da retirada de Peregrino Júnior da direção, os estudantes de lá saíram com uma vitória: a autorização para a construção de uma piscina para a Escola. Efetivamente, a piscina somente seria construída depois de inúmeras iniciativas dos estudantes no sentido de liberação das verbas, liberação de equipamentos e até problemas com o Patrimônio Histórico, que os levou a cavarem com suas próprias ferramentas o local onde mais tarde as máquinas iam completar o serviço, finalizando a piscina que até hoje lá se encontra.

Obviamente não faltaram pressões para que os estudantes voltassem às suas atividades. O prof. Paulo Matta (1995) afirmou que foi convocado ao gabinete do reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, onde lhe foi oferecido uma série de melhoramentos para a ENEFD, caso colaborasse no suspender da greve. Atitude essa bem possível de acontecer. O sr. José Ignácio (1995), por exemplo, afirma ao comentar a greve:

"...Depois tinha um reitor, o reitor da Universidade lá, ele esteve vinte anos como reitor, foi um cara, chamava-se Pedro Calmon, se o aluno fizesse greve, quando o aluno fizesse greve, se o presidente do DCE conversasse quinze minutos com o reitor, acabava a greve. Ele convencia o aluno de que...um crânio...o cara".

Mas nada adiantou na tentativa de encerrar a greve. O próprio Pedro Calmon foi a uma assembléia,

convencido de que a greve seria encerrada em parte por sua oferta de melhoramentos, mas o máximo que conseguiu foi ter que assumir que executaria os melhoramentos independente do andamento da greve. E de fato executou todos os melhoramentos prometidos.

A adesão à greve entre os estudantes, é bem verdade, foi fluante. No início todos lá estavam, participando ativamente das mobilizações, manifestações, atividades e assembléias. Com o tempo, no entanto, tirando episódios isolados, a greve foi esvaziando, perdendo a participação de estudantes. Mas uma ressalva deve ser feita. Mesmo com o esvaziamento da presença e o crescimento dos 'apoios morais', o corpo de estudantes assumiu integralmente a greve, não realizando em qualquer dos cursos sequer reivindicações para a realização dos exames finais, mesmo para aqueles que somente um mês faltava para a conclusão de seu curso. Mesmo os alunos de medicina desportiva, na sua maioria mais velhos e casados, mesmo os alunos de outros estados, aceitaram a greve e foram até o final, alguns inclusive não vindo a concluir seus cursos já que suas bolsas de estudo se encerravam e já não mais podiam ficar no Rio de Janeiro. Se a greve não foi uma unanimidade, ao menos parece ter sido respeitada integralmente, entre todos os cursos¹⁰.

"...Ninguém na época, e eu como presidente da comissão de greve era, digamos, receptor de qualquer dissidência, de qualquer informação, ninguém veio a mim solicitar uma exceção que permitisse que fechasse o curso, que eles não eram alunos de Educação Física e que o curso deles não tinha nada a ver. Nenhum deles" (MATTÁ, comunicação pessoal, 1995).

É importante ressaltar que as unanimidades não existiam. As eleições para o Diretório Acadêmico e Associação Atlética eram bastante disputadas, com inúmeras chapas de candidatos. Mas, após a escolha dos vencedores parecia haver um esforço coletivo no sentido de promover os inúmeros eventos, que normalmente não contavam com grande apoio da direção. A vida cultural e política na ENEFD era imensa com os alunos contando com grande autonomia de, inclusive, levantar os recursos financeiros necessários às suas realizações.

A greve terminou com uma saída honrosa para Peregrino Júnior, que foi aposentado com todas as gratificações e todos os direitos incorporados ao seu salário. "Só faltou banda de música" (MATTÁ, comunicação pessoal, 1995). Durante esse período os professores da ENEFD tiveram reações diferenciadas. Alguns foram completamente contra, outros não se

¹⁰. Na época a ENEFD oferecia além do curso de nível superior (3 anos), o curso de massagista esportivo (1 ano), o curso de técnico desportivo (1 ano) e educação física normal (1 ano)

envolveram de forma alguma e um grupo menor apoiou as reivindicações, destacadamente o prof. Alberto Latorre de Faria, inclusive veiculando na Congregação o material e documentação dos estudantes. Curiosamente, o grupo de professores que apoiou a greve era formado por professores de Educação Física. Apoiaram, mas sem efetivamente participarem de assembléias, mobilizações ou passeatas. A greve era uma iniciativa dos estudantes e mesmo eles não solicitavam esse tipo de participação mais direta dos professores.

A greve sem dúvida foi um marco para o movimento estudantil na ENEFD e provavelmente no Brasil. Dentro da Escola os estudantes passaram a ter uma força ainda não vista. Suas opiniões passaram a ser mais consideradas e seus assentos e representações nos órgãos colegiados mais respeitados. Nos primeiros anos do novo diretor, Waldemar Areno, que esperava contar com o apoio dos estudantes, esta participação foi extremamente marcante. O próprio Areno comenta no editorial dos 'Arquivos' de número 11 (1957):

"A Escola viveu no fim do ano letivo de 1956, uma fase de grande agitação interior, que culminou com a greve dos estudantes até o fim dos meses de janeiro de 57, quando, por delegação superior, foram realizadas as provas de verificação e os exames finais, o que acarretou, como é obvio, um retardo no início do ano letivo" (p.7).

Qual teria sido o resultado se os estudantes não tivessem sua reivindicação atendida? Será que o tom do discurso seria tão ameno e conciliador, como se nada de tão grave tivesse ocorrido? Será que suas provas teriam sido realizadas com tanta disponibilidade? O fato é que a complacência para com ação dos estudantes parece ter modificado bastante a partir da greve. A própria mobilização para a construção da piscina, realizada no decorrer da greve, que possivelmente pode ter ocasionado críticas de muitos professores, recebe o seguinte comentário no mesmo editorial:

"Foi iniciada a construção de nossa piscina de 25 metros por 12 metros, após um movimento de reivindicação dos alunos que encontrou o apoio integral do magnífico reitor; concretizou-se assim velha aspiração de alunos e professores" (ARENO, 1957, p.8).

Na verdade, as diversas posições de Areno podem significar um reflexo da confusão que possivelmente se instalara na hierarquia da ENEFD a partir da conquista de espaço pelos estudantes. Seu discurso transita desde uma posição conciliadora,

"Esse compromisso regimental de publicação dos Arquivos encerra mais um ano intenso e proveitoso de trabalho, quando alunos e professores não viveram outros objetivos senão os de interesse da Escola, do ensino de bom nível e da conseqüente melhoria da formação universitária (ARENO, 1958, p.7).

...passando pela preocupação com a ascensão do 'poder estudantil

"Há, é inegável, nos estudantes de hoje, em face mesmo de maré de renovação social, uma hipertrofia de direitos, melhor dizendo, de pretensos direitos, e de atribuições que excedem as que lhe devem caber durante o trato com os bancos acadêmicos" (ARENO, 1959, p.116).

...e chegando até a proceder elogios rasgados, embora sob termos contraditórios, a ação do diretório acadêmico e dos estudantes.

"Devo abrir um parêntese, para dizer-vos que a sugestão para este ângulo do problema foi feita pelo nosso Diretório Acadêmico...Faço com satisfação e orgulho para que se saiba que os universitários da ENEFD, tem senso de equilíbrio, honestidade de propósitos e espírito de colaboração (ARENO, 1959, p.19)

Outra importante observação que marca a ascensão da influência dos estudantes é sua presença nos 'Arquivos'. Anteriormente somente aqueles que iam para jogos olímpicos ou competições oficiais tinham seus nomes lembrados. Nos 'Arquivos' a partir de 1957 já constantemente é possível perceber referências a iniciativas dos alunos e do diretório acadêmico. De fato, até mesmo discurso dos alunos passam a ser publicados. Primeiro as orações de formatura, depois saudações e participações nos órgãos colegiados, até mesmo o discurso de posse de José Augusto Cavalcante Cysneiros na presidência do diretório. Por fim, seus trabalhos de pesquisa ganham o *status* de artigos.

O grau de consciência dos estudantes, pelo menos de seus representantes, pode ser sentido no discurso de posse de Cysneiros (1959). Foi um duro e denso discurso onde procede uma análise crítica dos rumos da formação universitária, da Educação Física no Brasil e da utilização do professor de Educação Física para fins ideológicos. Demonstra também grande clareza acerca da dificuldade e responsabilidade de sua função:

"Via de regra, a posição do presidente do DA é entendida para muitos como um parabrisa,

surgido da necessidade de harmonizar os entrecosques entre o corpo discente e o docente. Esta não é minha maneira de encarar o problema...pretendo ser intérprete fiel de vossas reivindicações, que os fados e vosso estímulo me permitam levar a bom termo a tarefa que me propus"(CYSNEIROS, 1959, P.132).

E termina dando o tom das discussões e dos sentimentos que possivelmente permeavam professores e alunos naquele momento

" Creio na sua hierarquia, apenas como condição de uma positiva eficácia administrativa. Creio que muito se deve fazer para que mestres e alunos encontrem uma nova formulação para a UB. Creio que justamente a ausência dessa formulação, o não abandono do conceito tradicional e medieval, a não adoção de medidas mais condizentes com as novas realidades que tem infelizmente colocado alunos e professores em constante oposição"(CYSNEIROS, 1959, p.132).

Não somente no interior da ENEFD, mas também ao nível nacional o movimento estudantil em Educação Física parece ter começado a se efetivar, fundamentalmente por ação dos estudantes do Rio de Janeiro. É no fim da década de 50 que se organiza a União Nacional dos Estudantes de Educação Física (UNEEF), tendo como primeiro presidente Vinícius Ruas. Foi a UNEEF que organizou o Primeiro Congresso de Estudantes de Educação Física, nas dependências da ENEFD. Realizado entre os dias 15 e 24 de outubro de 1957, contou com a presença de representantes do Rio Grande do Sul, Paraná, São Carlos, Minas Gerais e Distrito Federal, além de representantes da própria ENEFD. Entre as discussões se encontravam preocupações com a elevação do nível da formação, criação da cadeira de recreacionista e cursos de especialização, entre outras. Sem dúvida, a UNEEF e o Congresso são antepassados de nossa atual Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física e de nossos Encontros Nacionais de Estudantes de Educação Física.

Penso que a ascensão dos estudantes dentro da ENEFD e as primeiras tentativas de organização de um movimento de estudantes de Educação Física a nível nacional tenham um de seus marcos e grande estímulo na greve dos estudantes de 1957. Obviamente tanto a greve quanto os movimentos devem ter sofrido forte influência do momento histórico nacional geral em que ocorreram, onde os estudantes, fortemente, se organizavam e tinham presença marcante no cenário nacional. Mas penso que a greve tenha um outro significado específico da (e para)

área de Educação Física. A greve pode ter significado uma forma de afirmação do profissional de Educação Física.

Isso é, as principais forças não se encontram no contexto histórico geral do país, mas sim nos problemas internos que acometiam o grupo. A greve foi uma expressão da comunidade, uma forma de resistência, o resultado de uma necessidade de forjar um novo poder, não somente para os estudantes como também para a profissão de professor de Educação Física. Foi a busca de novos papéis para eles, estudantes, mas também para eles, futuros professores e professores já formados. A consciência de comunidade os fez romper com algo que os professores de Educação Física da ENEFD ainda não tinham feito por motivos éticos ou por resultado da grande discriminação que sempre sofreram: a interferência primordial e direcional de outras áreas numa área que tentava se afirmar, conquistar espaço e legitimidade. A greve foi também, e talvez primordialmente, resultado da afirmação, de orgulho ferido de um grupo que se constituía.

Depois da presença de médicos e militares na direção da ENEFD, a insatisfação de alguns professores de Educação Física era latente e cada vez mais presente. Paulatinamente esses professores foram conquistando espaços, desde os órgãos colegiados, até supressão de condições que os mantinham em inferioridade, passando até mesmo pelo aumento de suas escolhas como patrono e paraninfo das turmas que se formavam. A Escola da Educação Física paulatinamente passou de militares para médicos e os professores de Educação Física pareciam dispostos, mesmo que de forma não deflagrada ou percebida, a tê-la sob o seu comando.

Observe-se que a reivindicação da greve não se ligava a busca de maiores assentos nos órgãos colegiados ou brigas com o corpo do professorado em geral. A reivindicação ligava-se diretamente a retirada de um diretor (médico) que não dava a devida atenção a Escola e ainda por cima dizia que essa não tinha nível para ser dirigida por ele.

Nada mais sintomático do que o apoio de um grupo de professores de Educação Física. Eles vinham sentindo a tempos as diversas formas veladas de preconceito e a greve vai ao encontro de seus desejos de mudar o rumo da ENEFD. A greve de estudantes de 1957 pode ter significado também os primórdios da conquista de espaço do profissional de Educação Física dentro de sua própria profissão. Conquista essa somente efetuada em maior grau nas décadas de 80 e 90. Dentro da ENEFD da época, a greve significou a conquista de inúmeros espaços:

"- E os professores de Educação Física passaram a ser mais respeitados ?

- Sim, sem dúvida nenhuma, porque o prof. Areno não era bobo. E ele próprio

viu que havia uma pressão, que havia uma divisão e que aquilo não era algo que ele desejaria ver crescer. Então de alguma maneira a direção foi levada a neutralizar a possibilidade, digamos, de outra virada de mesa." (MATTA, comunicação pessoal, 1995).

O auge dessa virada no eixo de poder se dá em meados da década de 60 quando a lista tríplice para escolha de diretor da ENEFD encaminhada para o Ministério da Educação e Cultura continha três professores de Educação Física: em primeiro lugar na preferência o prof. Alfredo Colombo; em segundo lugar a prof. Maria Helena Pabst de Sá Earp; e em terceiro a profa. Maria Lenk. O ministério da Educação, em atitude que ainda não ocorrera com a ENEFD, desprezou os dois primeiros nomes e a profa. Maria Lenk foi a escolhida. Bem, mais aí já é uma outra história...

Ao concluir esse estudo estou a esperar mais do que uma possível consideração de uma compreensão da greve dos estudantes de 1957. Mais do que isso, espero ter ficado claro o meu esforço no sentido de redimensionar um fato por nós já quase esquecido e o esforço de análise que procura fugir dos padrões que consideram a realidade maior e os fatores sócio-econômicos como determinantes, sem obviamente abandoná-los. Ao tentar analisar a dinâmica interna da greve dentro do contexto da ENEFD, espero ter contribuído para ampliar a compreensão de alguns dos movimentos que possivelmente impregnaram a nossa área de conhecimento na referida década. Ao estudarmos a história a partir da ação dos estudantes podemos entender que também eles fizeram e influenciaram na história e que nossa identidade não foi resultado apenas da ação dos grandes líderes, professores e dirigentes.

Há algum tempo venho desconfiando das classificações que insistem em imputar aos períodos anteriores a década de 80 características de suprema servilidade e unanimidade na forma pensar. Mais do que isso venho desconfiando que grande parte das características e discussões que permearam a Educação Física da década de 80 encontram-se seus primórdios exatamente na década de 50 e 60. Para que vejamos isso basta que tentemos retirar a enorme venda que insiste em não nos permitir ver de formas mais múltiplas o nosso passado. E fatos como esse aqui apresentados, a partir do relato de quem os viveu ou dos mais diversos tipos de fontes, tem muito a esclarecer, mas só podem nos servir se receberem adequado tratamento historiográfico. Espero também isso ter realizado nesse estudo.

THE STUDENT'S STRIKE AND THE BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

I believe that is indispensable we recover our history's events, not only raising names and dates, but also raising new interpretations, analysing new contexts, refusing the exclusive consideration of the social-economic comprehension and considering the intrinsic apprehension of the phenomenon. One of the most interesting events in our recent history was the students' strike of the Sports and Physical Education National College (SPENC) in 1956. I believe that the analyse of this movement can to bring us new elements and indicatives to contribute to amplify and to think the Physical Education structures in the epoch. So, this study has for purpose to analyses this important event, preferencelly the considerations about the the context of the SPENC, because I think that these considerations are primordials and better explain the possible meanings to the student's movement in Physical Education, to the profession and to SPENC. I conclude that the strike is important in the organization of the students' movement and has had strong meaning like a way of affirmation of the Physical Education teachers.

UNITERMS: Physical Education's History; ProfessionalIdentity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENO, Waldemar. Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.11, dez. 1957
- . Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.12, dez. 1958
- . Oração de patrono da turma de 58. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.13, jun. 1959.
- . A Educação Física e seus problemas. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.14, dez. 1959
- ARQUIVOS DA ENEFD. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Educação Física e Desportos, 1945-1961.
- BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil** - a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1988.

CYSNEIROS, José Augusto Cavalcante. Discurso de posse na presidência do DA.

Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.14, dez. 1959.

GONÇALVES, Jarbas. **Depoimento**. In: CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física

no Brasil - a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MATTA, Paulo Emanuel da Hora. Depoimento a Victor Andrade de Melo. Rio de

Janeiro, 1995.

PEREGRINO JÚNIOR, João. Discurso de posse de cátedra de Carlos Sanchez de

Queiroz. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.6, jan. 1953.

----- Editorial - após 17 anos de luta. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.9,

jan./jun. 1956.

----- Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.10, dez. 1956.

SOUZA, José Ignácio Alves de. Depoimento a Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro,

1995.